

Coração do carioca

Saúde

Domingo, 18 de junho de 1995

vai mal das pernas

ELAINE RODRIGUES

A mais recente estatística sobre mortalidade no Rio — feita a partir deste ano pela Secretaria de Saúde do município e não mais pela do estado — revela que as doenças cardiovasculares são, de longe, as que mais matam na cidade. Foram elas as responsáveis por 27,9% das 9.975 mortes ocorridas em janeiro e fevereiro, contra 15,7% por causas externas, como a violência e o trânsito. Há exemplos a serem seguidos: São Paulo, que tem os melhores serviços de cirurgia cardíaca, conseguiu reduzir em 1,4% a mortalidade por doenças coronarianas em dez anos.



No mesmo período, o Rio registrou um crescimento de 1,34%, segundo o Departamento de Epidemiologia da USP. As razões: falência da rede pública e

erros de diagnóstico. Grande parte das mortes, segundo a Sociedade de Cardiologia do Rio, seria evitada se a vítima fosse medicada até 60 minutos após o surgimento dos sintomas.

Só que o problema, no Rio, é justamente depender de socorro imediato. Como se fossem hospitais universitários, os serviços especializados nos hospitais de Cardiologia de Laranjeiras, da Lagoa, dos Servidores do Estado, Geral de Bonsucesso, da rede federal e o Instituto Aloísio de Castro, da rede estadual, não atendem emergências. Quem sofre um enfarte vai parar nos hospitais municipais.

Os cirurgiões cardíacos da rede pública do Rio não primam pela produtividade. Segundo o Ministério da Saúde, os 27 cirurgiões lotados em Laranjeiras, Lagoa, Servidores e Bonsucesso fizeram, nos três primeiros meses deste ano, 99 operações. Se cada um fizesse uma cirurgia por semana, teriam operado, no mesmo período, 324 pessoas.